

Argentina classifica cartel do tráfico como terrorista e abre caminho para ações dos EUA

No começo deste mês, Trump assinou ato que prevê ações militares em outros países para combater o terrorismo

Por Jorge Vasconcellos

No momento em que três navios de guerra dos Estados Unidos, com mais de 4 mil fuzileiros navais a bordo, se deslocam em direção à costa da Venezuela, a pretexto de combater os cartéis das drogas da América Latina, o governo da Argentina determinou, na terça-feira (26), a incorporação da organização criminosa transnacional conhecida como 'Cartel dos Sóis' no Registro Público de Pessoas e Entidades Vinculadas a Atos de Terrorismo e seu Financiamento (RePET).

O governo de Javier Milei, aliado do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirma, em um comunicado, que a decisão foi tomada no "âmbito dos compromissos internacionais assumidos pela República Argentina na luta contra o terrorismo e seu financiamento, e em conformidade com as normas nacionais em vigor".

Segundo o governo argentino, a decisão, adotada em coordenação entre o Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto, o Ministério da Segurança Nacional e o Ministério da Justiça, "baseia-se em relatórios oficiais que comprovam atividades ilícitas de natureza transnacional, incluindo tráfico de drogas, contrabando e exploração ilegal de recursos naturais, bem como ligações com outras estruturas criminosas na região".

A nota do governo argentino foi compartilhada pelo perfil do Departamento de Estado dos Estados Unidos. "O governo argentino declara



Reprodução/ Twitter/@JMILEI

Com a medida de Javier Milei, governo argentino se junta ao Paraguai nas políticas de segurança de Trump

Divulgação/Departamento de Estado

o 'Cartel dos Sóis' como organização terrorista', diz a publicação argentina.

Portas abertas para os Estados Unidos

A classificação do 'Cartel dos Sóis' como uma organização terrorista abre caminho para sanções financeiras e outras ações do governo dos EUA.

No começo deste mês, o presidente Trump assinou uma diretiva ordenando que o Pentágono use força militar contra cartéis de drogas latino-americanos considerados como grupos terroristas pelo governo dos EUA. O ato fornece base oficial para possíveis operações militares diretas contra cartéis no mar e em solo estrangeiro.

O governo argentino afir-



Caça decola de um dos navios que se deslocam rumo à costa da Venezuela

ma, no comunicado, que a medida adotada contra o grupo criminoso fortalece os mecanismos preventivos e punitivos contra o financiamento de operações ligadas ao terrorismo e ao crime organizado. Além disso, "reforça a cooperação internacional no campo da segurança e da justiça, em estreita coordenação com parceiros regionais e multilaterais".

Paraguai

Com a medida, a Argentina se junta ao Paraguai na adesão às políticas de segurança do governo Trump.

Em meados deste mês, o governo paraguaio firmou uma parceria com Washington para a instalação de um centro antiterrorista, com agentes treinados pelo FBI (Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos) para compilar informações de inteligência contra o Hezbollah na Tríplice Fronteira com Argentina e Brasil.

Em maio, a embaixada dos Estados Unidos no Brasil anunciou uma recompensa de até US\$ 10 milhões por informações sobre atuação do Hezbollah na Tríplice Fronteira.

O fato de especulações indicarem a presença de integrantes do grupo terrorista na cidade de Foz do Iguaçu (PR) causou preocupação no governo brasileiro em relação à possibilidade de uma ação militar dos Estados Unidos em território nacional.

Na Venezuela, o presidente Nicolás Maduro, apontado pelo governo dos EUA como um 'narcoterrorista', tem criticado a aproximação de três navios de guerra americanos da costa do país, no mar do Caribe. "Ninguém toca nesta terra", afirmou Maduro, que convocou 4,5 milhões de milicianos para o reforço da segurança.

Brasil prepara exercício militar próximo à Venezuela para o início de outubro

O Ministério da Defesa do governo Lula (PT) prepara para o fim de setembro um exercício militar que deve envolver deslocamento de tropas a cerca de 30 quilômetros da fronteira com a Venezuela.

Diante disso, a pasta tem tomado medidas para que a mobilização de militares na região não seja associada à crise desencadeada nos últimos dias entre o ditador Nicolás Maduro e o presidente Donald Trump a partir do deslocamento de navios de guerra americanos para águas próximas à costa do país caribenho.

A Operação Atlas é um exercício conjunto do Exército, da Marinha e da Aeronáutica no território amazônico que envolve grande deslocamento de efetivo militar de outras regiões do país. As atividades ocorrerão nos estados do Amazonas, do Pará, do Amapá e de Roraima (onde há fronteira com a Venezuela).

O deslocamento das tropas ocorrerá a partir de 27 de se-

tembro. Já os exercícios estão marcados para ocorrerem entre 2 e 11 de outubro. Os países que fazem fronteira com o Brasil na região e os Estados Unidos foram comunicados há meses da operação em reuniões com os adidos de defesa das embaixadas em Brasília.

Com a escalada da crise na Venezuela, no entanto, o ministro José Mucio Monteiro avaliou que era preciso reforçar junto a autoridades do regime de Maduro que a movimentação da tropa já estava prevista e que não há qualquer relação com a situação na nação vizinha. De acordo com pessoas a par do assunto, a mensagem foi transmitida por Mucio a um representante da embaixada da Venezuela, em reunião em Brasília.

Segundo essas mesmas pessoas, o ministro também pediu ao chanceler Mauro Vieira que comunicação semelhante fosse feita aos Estados Unidos a mensagem não foi transmitida a Washington, mas integrantes do governo destacam que os



Exército Brasileiro

País quer evitar associação a crise de Maduro com EUA

americanos já estão avisados sobre o exercício.

Pessoas com conhecimento das tratativas disseram à Folha de S.Paulo que Mucio vê risco de a operação Atlas ser mal interpretada e retratada como uma reação militar do Brasil à escalada da crise entre Trump e Maduro além do envio das embarcações, os EUA colocaram um prêmio de US\$ 50 milhões por informações que levem à

captura do ditador.

Trump apertou o cerco contra Maduro nos últimos dias. Três destróieres americanos da classe Arleigh Burke, armados com sistemas de mísseis de ataque, devem se aproximar da costa da Venezuela como parte de um esforço para combater os cartéis de drogas da América Latina, segundo autoridades dos EUA.

Em paralelo à movimen-

tação, a porta-voz do governo americano, Karoline Leavitt, afirmou na terça que o país usará "toda a força" contra o regime de Maduro. Em reação, Maduro anunciou a mobilização de 4,5 milhões de membros de milícias paramilitares em resposta ao que chamou de ameaça contra o seu país.

Além das tensões entre Venezuela e EUA, o exercício militar próximo à fronteira ocorre num momento em que a Defesa vê sinais de que a crise diplomática entre os governos Lula (PT) e Trump pode afetar a cooperação militar. O tema foi abordado por Mucio em conversa fora da agenda com o presidente Lula no sábado (16), no Palácio da Alvorada.

Mucio relatou ao presidente que os militares americanos vinham se queixando da participação das Forças Armadas da China em exercícios militares conjuntos no Brasil. Outro sinal de estresse foi o cancelamento da Conferência Espacial das Américas, organizada

pelo Comando Sul dos EUA em conjunto com a Força Aérea Brasileira. O evento estava previsto para os dias 29 a 31 de julho, em Brasília.

O Ministério da Defesa avaliou que a indisposição dos militares americanos poderia afetar o planejamento de exercícios conjuntos. Nesse contexto, Mucio decidiu suspender duas operações. Uma delas é a Operação Formosa principal exercício militar dos fuzileiros navais que conta com a participação dos americanos há dez anos.

A Defesa também suspendeu, por tempo indeterminado, a Operação Core 2025. Trata-se do maior exercício conjunto entre os exércitos brasileiro e americano. Estava previsto para acontecer na caatinga pernambucana em novembro, e diversas reuniões preparatórias tinham sido realizadas desde o início do ano.

Por César Feitoza e Ricardo Della Coletta (Folhapress)